

Wheeler, com quem também manteve discussões), Ramapo College, Universidade Rutgers e uma palestra nas Nações Unidas sobre a aplicação da ordem implícita à paz mundial.

Antes de falar sobre a receptividade dessas conferências por parte dos acadêmicos, talvez deva dizer algo sobre o crescente “movimento David Bohm”, aqui e no exterior. Nos últimos cinco anos, ele se tornou uma espécie de guru para grande número de pessoas, que, em sua obra, vêem uma ponte entre os caminhos espiritual e científico. É convidado a falar em quase todas as conferências nacionais e internacionais sobre esse tema, e sistemas inteiros têm sido elaborados em torno de suas idéias. Nessas palestras é tratado como uma celebridade por físicos estudantes e jovens das mais diferentes formações. Sendo uma pessoa modesta, muito controlada, exceto quando expõe — com vívida paixão — suas teorias, semelhante adulação não solicitada chega a surpreendê-lo.

Já na esfera acadêmica, a reação é mais complexa e, às vezes, ambivalente. Bohm é respeitado em sua profissão, na qual ganhou reputação com livros sobre a mecânica quântica e a relatividade. O efeito Bohm-Aharonov, citado no capítulo 2, é prova de sua proficiência em física. Entretanto, muitos de seus colegas estão confusos pela sua recente mudança rumo à filosofia, perturbados pelo seu interesse, pela consciência e pela influência que isso tem em seus textos. Pude observar essas reações contraditórias durante as conferências de Bohm em Rutgers e Princeton. Em Rutgers, ele apresentou a ordem implícita em linguagem leiga, lançando mão dos “modelos imaginativos” que considera cruciais para nossa compreensão da física (como deixa claro no capítulo 2). A audiência, composta de físicos e humanistas, ficou dividida em sua reação. Muitos disseram que se sentiram em presença de uma mente profunda e criativa, ficando cativados pela imagem significativa traçada por Bohm de nosso universo. Outros, em sua maioria cientistas, declararam-se aborrecidos com a atitude de Bohm em direcionar a física para o misticismo. Não discutiam os dados, mas a interpretação que eles lhes atribuía. Sentiram-se naturalmente incomodados diante da acusação feita a eles de indevida preocupação com as equações, em detrimento de modelos imaginativos — agora, um argumento familiar aos leitores deste livro.

As palestras de Bohm no Mathematical Physics Colloquium, em Princeton, no dia seguinte, contrastaram mar-

cantemente com as proferidas em Rutgers. Diante de uma audiência compacta de físicos e matemáticos, Bohm explicou sua interpretação causal da mecânica quântica e sua teoria das variáveis ocultas quase que inteiramente por meio de equações, com as quais cobriu várias vezes o quadro-negro. O discurso foi recebido entusiasticamente, ampliando-se num debate de várias horas. Nem uma vez sequer Bohm foi acusado de misticismo. Perguntei depois a ele se a palestra de Princeton (técnica demais para mim) cobria o mesmo território que a de Rutgers, e Bohm assegurou-me que sim. A significação filosófica de ambas era a mesma.

Algo semelhante aconteceu na noite seguinte, no jantar em sua homenagem para o qual convidei meus colegas de matemática, física e filosofia da física. Eles, a princípio, ficaram em guarda contra as idéias de Bohm, resistindo ao papel crucial que, em física, ele atribui à consciência. À medida que a noite avançava, Bohm foi passando da linguagem filosófica para as equações. O efeito da mudança foi dramático. De repente, havia uma verdadeira identidade entre Bohm e os outros cientistas, enquanto pedaços de papel cheios de equações corriam ao longo de minha mesa de jantar. Quando, mais tarde, Bohm voltou a seus “modelos imaginativos”, observei, divertida, todos eles se comportarem como se estivessem entendendo tudo.

WEBER: — O senhor vê relações entre ciência e misticismo?

BOHM: — Tudo depende das definições. Se definirmos a ciência, primariamente, como um método de mensuração e experimentação, não haverá muitas relações. Mas a ciência certamente é algo mais amplo.

WEBER: — Qual é sua definição de ciência?

BOHM: — A tentativa de compreender a realidade, ou a natureza, como um todo. Essa definição invade a área em que os místicos estão interessados.

WEBER: — Qual é a área invadida?

BOHM: — A que trata da natureza da realidade. A investigação da matéria pode nos levar a indagar se existe algo além da matéria ou se a matéria é tão sutil que constitui, ela própria, um “além” tal qual ordinariamente o concebemos.

WEBER: — Se explorarmos a matéria na máxima profundidade possível, descobriremos nela alguma coisa que a transcende?